

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – IFMS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS

Narrativas de Resiliência: A Gênese das Vilas e Comunidades Ribeirinhas na Amazônia como Reflexo da Sabedoria Cultural – Estudo de Caso da Comunidade Vila Melancial (Oeiras do Pará).¹

Narrativas de Resiliencia: La génesis de las aldeas y comunidades ribereñas en el Amazonas como reflejo de la sabiduría cultural – Un estudio de caso de la comunidad de Vila Melancial (Oeiras do Pará).

Eliana Tenório Sampaio²

Leonardo Pascinelli Martins³

Resumo

Este artigo analisa as narrativas de resiliência das comunidades ribeirinhas amazônicas, tendo como estudo de caso a Comunidade Vila Melancial, localizada no município de Oeiras do Pará. Busca-se compreender como os saberes tradicionais e as práticas educativas locais revelam estratégias de resistência cultural e sustentabilidade ambiental. O estudo parte do pressuposto de que a educação, quando articulada aos saberes tradicionais, constitui um meio de resistência cultural e de afirmação da identidade coletiva. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas guiadas por um roteiro de perguntas e análise interpretativa dos relatos coletados. O estudo evidencia que a educação na comunidade Melancial surgiu da própria iniciativa popular, representando um instrumento de emancipação e fortalecimento identitário. Fundamenta-se teoricamente em autores como Paulo Freire (1996), Boaventura de Sousa Santos (2014), Dermeval Saviani (2008), Manuela Carneiro da Cunha (2009), entre outros. Conclui-se que a educação ribeirinha, quando enraizada na cultura local, constitui um eixo essencial de resistência social, resgate histórico e promoção da cidadania.

Palavra-chave: Comunidades ribeirinhas; Resiliência; Educação; Saberes tradicionais; Amazônia.

Resumen

Este artículo analiza las narrativas de resiliencia de las comunidades ribereñas amazónicas, tomando como caso de estudio la comunidad de Vila Melancial, ubicada en el municipio de Oeiras do Pará. Busca comprender cómo el conocimiento tradicional y las prácticas educativas locales

¹ Artigo apresentado ao Instituto Federal do Mato Grosso – IFMS, como requisito obrigatório para obtenção do título de Especialista em Ensino de Humanidade e Linguagem.

² Eliana Tenório Sampaio. Professora da Rede Municipal de Oeiras do Pará. Pós-graduanda em Ensino de Humanidades e Linguagens – IFMS.

³ Leonardo Pascinelli Martins. Professor Orientador do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul – IFMS.

revelan estrategias de resistencia cultural y sostenibilidad ambiental. El estudio parte de la premisa de que la educación, articulada con el conocimiento tradicional, constituye un medio de resistencia cultural y afirmación de la identidad colectiva. La metodología empleada se basó en una investigación cualitativa, con entrevistas semiestructuradas guiadas por un cuestionario y análisis interpretativo de los relatos recopilados. El estudio muestra que la educación en la comunidad de Melancial surgió de la iniciativa popular, representando un instrumento de emancipación y fortalecimiento de la identidad. Se fundamenta teóricamente en autores como Paulo Freire (1996), Boaventura de Sousa Santos (2014), Dermeval Saviani (2008) y Manuela Carneiro da Cunha (2009), entre otros. Se concluye que la educación ribereña, cuando está arraigada en la cultura local, constituye un eje esencial de resistencia social, recuperación histórica y promoción de la ciudadanía.

Palabras clave: Comunidades ribereñas; Resiliencia; Educación; Conocimiento tradicional; Amazônia.

Data de aprovação: ____/____/____.

1 INTRODUÇÃO

A vastidão Amazônica, com sua complexa rede de rios e florestas, constitui um espaço de saberes, resistências e modos de vida que expressam a profunda relação entre cultura e natureza. As comunidades ribeirinhas emergem como protagonistas dessa interação, construindo uma trajetória de resiliência diante dos desafios ambientais, econômicos e sociais. No contexto dessa diversidade, a Comunidade Vila Melancial, situada no município de Oeiras do Pará-PA, representa um exemplo significativo de resistência e organização coletiva.

As comunidades ribeirinhas amazônicas representam formas complexas de organização social, econômicas, políticas e culturais, enraizadas na interação entre o homem, a natureza e a cultura. Essas comunidades são depositárias de um vasto patrimônio simbólico e de um modo de vida que expressa a resistência diante das pressões externas e das transformações contemporâneas. No caso específico da Comunidade Vila Melancial, localizada às margens de um afluente do rio Pará, a educação e os saberes tradicionais desempenham papel central na manutenção da vida comunitária.

O presente estudo investiga como a educação e as práticas culturais contribuem para a resiliência social e simbólica dessa comunidade, evidenciando o papel da escola, da oralidade e das relações intergeracionais como elementos formadores da identidade ribeirinha.

A pesquisa fundamenta-se na perspectiva crítica da educação, conforme defendem Freire (1996) e Saviani (2008), compreendendo o processo educativo como prática social transformadora. A valorização dos saberes locais e das epistemologias também constitui eixo teórico fundamental, que permite reconhecer as práticas educativas ribeirinhas como legítimas expressões de conhecimento, (Santos, 2014).

As narrativas de resiliência, ricas e multifacetadas, não apenas narram a gênese desses núcleos sociais, cujas raízes se aprofundam na sabedoria transmitida de geração em geração, mas também iluminam as lutas e triunfos diários enfrentados por essas comunidades em um mundo em constante mudança. Este vínculo íntimo com o meio ambiente se reflete em práticas agrícolas sustentáveis, ritmos de vida que respeitam os ciclos da terra, e um profundo respeito pelas espécies que compartilham este vasto ecossistema (Silva, 2020).

Segundo Silva (2020), a resiliência ribeirinha está ancorada na sabedoria herdada de gerações, que alia práticas culturais e ambientais em uma convivência harmônica com a natureza. Assim, compreender as narrativas dessas comunidades é compreender a própria história da Amazônia e das relações humanas com o território. Este estudo tem como objetivo analisar as narrativas de resiliência presentes na gênese das vilas e comunidades ribeirinhas amazônicas, com foco na Comunidade Melancial, destacando os saberes culturais e as práticas educativas que sustentam sua identidade.

2 JUSTIFICATIVA

O estudo sobre as narrativas de resiliência e a gênese das vilas e comunidades ribeirinhas na Amazônia se justifica pela necessidade de valorizar e compreender os processos históricos, culturais e sociais que moldaram essas comunidades. Ao longo dos séculos, os ribeirinhos desenvolveram saberes e práticas que garantiram sua sobrevivência e adaptação ao ambiente amazônico, consolidando uma relação sustentável com a natureza e fortalecendo suas identidades culturais.

Através da coleta e análise das histórias orais, é possível reconstruir a memória coletiva dessas comunidades, resgatando narrativas que, muitas vezes, não estão documentadas em registros oficiais. Compreender esses relatos permite reconhecer os desafios enfrentados pelos ribeirinhos, desde as adversidades naturais até os impactos das políticas públicas sobre suas formas de vida.

A relação dessas populações com o meio ambiente também é um aspecto fundamental. Suas práticas tradicionais de manejo sustentável dos recursos naturais são um reflexo da sabedoria adquirida ao longo de gerações. Investigar essa interação possibilita compreender como esses conhecimentos podem contribuir para a formulação de estratégias eficazes de conservação ambiental e desenvolvimento sustentável e elementos culturais.

No âmbito da educação, a mediação de saberes tradicionais representa um desafio e uma oportunidade para fortalecer a identidade cultural dessas comunidades. A integração dos conhecimentos locais nos currículos escolares pode promover a valorização das práticas ribeirinhas, garantindo que as novas gerações reconheçam e perpetuem seus saberes ancestrais. Além disso, investigar as políticas públicas direcionadas à educação ribeirinha é essencial para compreender o papel do Estado no reconhecimento e apoio à cultura dessas populações.

Por fim, a Interculturalidade emerge como um aspecto essencial nesse estudo, pois as comunidades ribeirinhas são formadas por uma rica diversidade de influências, incluindo saberes de povos indígenas, afrodescendentes e migrantes. Compreender como essas interações moldam o desenvolvimento social e educativo das vilas é fundamental para criar estratégias que promovam o diálogo e a inclusão.

Dessa forma, esta pesquisa se propõe a investigar e valorizar as narrativas de resiliência das comunidades ribeirinhas da Amazônia, demonstrando como os saberes culturais locais são essenciais para sua história, sustentabilidade e desenvolvimento educacional. Neste sentido, esta investigação buscou explorar as histórias do surgimento desta vila ribeirinha específica no Município de Oeiras do Pará, destacando como os saberes culturais locais moldaram o desenvolvimento dessa comunidade.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Metodologia

As entrevistas foram realizadas entre agosto e setembro de 2025, na Vila Melancial, município de Oeiras do Pará. O processo de coleta de dados envolveu visitas domiciliares aos moradores mais antigos da comunidade, com quem se estabeleceram diálogos abertos, baseados na confiança e na escuta sensível, com procedimentos de aproximação construída por meio de participação em eventos locais e laços familiares, garantindo escuta sensível e ética nos procedimentos.

As escutas foram conduzidas por meio de conversas informais, sem identificação nominal, utilizando um roteiro de perguntas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados, conforme detalhamento no Apêndice A. Essas perguntas foram organizadas em eixos temáticos que nortearam a pesquisa: gênese das vilas, práticas educativas, saberes tradicionais e resistência cultural. Dessa forma, surgiu a inquietude de transformar as informações obtidas em dados científicos acadêmicos. Para isso, adotou-se a observação participante, registrando as falas e percepções em um diário de campo.

Os dados coletados foram analisados à luz da hermenêutica das narrativas (Ricoeur, 1990), seguindo três etapas: 1 Organização de transcrição das entrevistas conforme temas recorrentes; 2 Codificação das falas em categorias como ‘educação como resistência’, ‘memória e identidade’, e ‘saberes da natureza’; 3 interpretação tempestiva, articulando sentidos emergentes com a teoria. Essa abordagem permitiu compreender práticas educativas como expressão da sabedoria coletiva e da espiritualidade ancestral da comunidade.

A hermenêutica das narrativas busca compreender o sentido das experiências humanas a partir das histórias contadas pelos sujeitos, permitindo a análise dos símbolos e significados que estruturam o mundo vivido. Para o autor a apropriação se dá através da ideia de que a compreensão é um processo onde quem investiga se apropria do significado da sua pesquisa e assim interpreta e compreende as ações humanas.

Neste sentido, houve a preocupação em analisar, interpretar e compreender os dados coletados valorizando o sentido simbólico das narrativas no momento de cada roda de conversa com os moradores deste local pesquisado. O conteúdo da entrevista da Comunidade Melancial foi sintetizado e interpretado como expressão da resiliência e do papel importante que a educação trouxe e tem para comunidade.

A triangulação dos dados permitiu compreender as práticas educativas da comunidade como expressão de sua sabedoria coletiva e espiritualidade ancestral.

A Comunidade Vila Melancial, possui uma historicidade bastante interessante que reporta aos tempos remotos de uma vida rudimentar, sem acesso aos lugares de zona urbana, com o modo de vida voltado para pesca, caçadas e agricultura familiar. O interesse em reportar sobre como está Vila avançou no contexto histórico social do Município de Oeiras do Pará - PA, nasceu com o intuito de reforçar o quanto a Educação é importante em qualquer espaço social.

Mesmo com tantas dificuldades em um período que não havia quase nada, nasceu a vontade dos pais e de algumas crianças em transformação social. Hoje observamos que a vontade de mudança por meio do desejo em ser uma pessoa letrada, vem se transformando no decorrer do tempo as pequenas comunidades nos interiores do nosso Brasil.

Para chegarmos onde queríamos, o roteiro de perguntas abrangeu seis eixos principais: definição de resiliência no contexto das comunidades ribeirinhas; gênese das vilas e comunidades, incluindo fatores históricos e ambientais; sabedoria cultural e práticas tradicionais; desafios enfrentados e estratégias de resistência; valorização da cultura e do conhecimento tradicional e reflexões e perspectivas futuras.

3.1.1 Contexto histórico da comunidade Melancial

A origem da educação na Comunidade Melancial está vinculada à ausência inicial de políticas públicas educacionais e ao protagonismo dos próprios moradores. As primeiras aulas ocorreram em espaços improvisados, conduzidas por pessoas da comunidade que, mesmo sem formação docente, assumiram o compromisso de ensinar. Destaca-se a humildade de reconhecimento pelo próximo: **“nossa primeira professora não tinha nem o primário, mas sabia mais do que nós, e naquela época quem tinha o primário era como um doutor”**. Saviani (2008) argumenta que a escola nasce como necessidade social, produto da ação coletiva que visa responder às demandas do grupo. Assim, a fundação da educação local reflete o poder da organização comunitária como ato político e cultural.

3.1.2 Concepção de educação e saberes culturais

Os relatos dos moradores revelam que as primeiras aulas na comunidade ocorriam sob uma grande mangueira, com bancos de madeira improvisados. A partir da iniciativa dos próprios moradores, a escola tornou-se um símbolo de esperança e organização coletiva: **‘a gente aprendeu mais com a vontade do que com os cadernos’**, refletindo o protagonismo comunitário na construção do saber, narrativas que expressam a educação como prática de resistência, articulando-se às ideias de Freire sobre emancipação e diálogo cultural.

A educação na comunidade é compreendida como instrumento de libertação e valorização cultural. Para Freire (1996), aborda que educar é um ato de emancipação e construção de consciência crítica. Esse pensamento é visível na prática comunitária da Vila Melancial, onde o aprendizado está vinculado à vida cotidiana, ao trabalho coletivo e à solidariedade. Os saberes culturais como o manejo sustentável dos recursos, a agricultura de subsistência e a oralidade integram-se à educação formal, revelando um modelo pedagógico próprio, de base popular e comunitária.

3.1.3 Práticas educacionais e narrativas de resistência

As práticas educacionais, na Comunidade Vila Melancial revelam o entrelaçamento entre o saber tradicional e o conhecimento escolar. Como observa Brandão (1981), a educação popular é aquela que nasce do povo e para o povo, preservando sua identidade. Para os fundadores do local pesquisado, as batalhas para chegar onde se tem hoje não foram fáceis, um morador relembra: **‘meu pai e outros pais remavam por 04 (quatro) longos dias até a cidade de Oeiras do Pará, para pedir a escola e melhorias para o local’**, ilustrando o esforço coletivo pelo direito à educação. Essas narrativas demonstram que a escola tornou-se um ponto de referência, encontro, um espaço de trocas e de afirmação cultural. Essa perspectiva se articula à noção de educação intercultural proposta por Candau (2012), que enfatiza o diálogo entre saberes e a valorização das identidades locais.

3.1.4 Impactos sociais e educacionais

A implantação da escola trouxe impactos significativos para a comunidade, ampliando o acesso à cidadania e à inclusão social. Para os entrevistados a chegada da professora ao local em 1960, trouxe grandes mudanças, devido ela (a professora) ser uma mulher muito religiosa, começou também as aulas de catequese e celebrações: **‘ela foi uma ótima professora e uma missionária, que deu início ao que hoje possuímos como escola e comunidade religiosa’**, representa um elo de transformação social e humana. Sua atuação inicial deu origem não apenas a uma escola, mas também a uma comunidade de fé e aprendizado, evidenciando como a educação pode ser o alicerce de uma coletividade mais solidária e consciente.

A educação tornou-se elemento de transformação e de fortalecimento das relações comunitárias. Santos (2014) defende que o conhecimento produzido a partir das epistemologias permite compreender realidades subalternizadas, reconhecendo a legitimidade dos saberes locais. Nesse sentido, o caso da Comunidade Melancial ilustra como a educação, quando articulada à cultura, gera desenvolvimento social e preserva a memória coletiva.

As batalhas vencidas ecoam na busca pela valorização dos aspectos educacionais e culturais das comunidades do cenário amazônico, e se relacionam com o clamor de políticas públicas por visibilidade, melhorias, acessibilidade e oportunidades de transformação social.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste estudo se baseará em narrativas de resiliência, considerando a gênese das vilas e comunidades ribeirinhas na Amazônia como reflexo da sabedoria cultural. Essa análise abordará teorias sobre territorialidade, identidade cultural e resiliência comunitária, enfatizando como essas comunidades têm se adaptado e resistido às adversidades ao longo do tempo (Cunha, 2009).

Para compreender a singularidade das comunidades ribeirinhas, é essencial explorar a inter-relação entre saberes tradicionais e processos de ocupação territorial. Esses saberes, que são fruto da vivência e da experiência acumulada das populações locais, são fundamentais para a construção da identidade cultural e para a luta pela preservação dos seus territórios diante de uma realidade marcada por ameaças externas (Silva, 2020). Essa perspectiva é crucial para entendermos a

dinâmica de sobrevivência e a construção de identidades em um ambiente em constante transformação.

Freire (1970, 1996) propõe a educação como prática da liberdade, na qual o diálogo e a conscientização são meios de transformação social. Para o autor, a verdadeira educação é aquela que reconhece o sujeito como construtor do seu próprio conhecimento. Para compreender a singularidade das comunidades ribeirinhas, é essencial explorar a inter-relação entre saberes tradicionais e processos de ocupação territorial.

Esses saberes, que são fruto da vivência e da experiência acumulada das populações locais, são fundamentais para a construção da identidade cultural e para a luta pela preservação dos seus territórios diante de uma realidade marcada por ameaças externas, conforme destaca Silva (2020). A transmissão intergeracional desses conhecimentos é um elemento vital para a manutenção da cultura e da forma de vida dessas comunidades, garantindo sua continuidade e adaptação.

Saviani (2008) entende a educação como uma prática social e histórica, vinculada às condições concretas de vida dos sujeitos. Já Santos (2014), ao tratar das epistemologias do Sul, defende a valorização dos saberes locais como forma de enfrentamento à monocultura do saber científico ocidental. A fundamentação teórica apoia-se em um conjunto de autores que discutem a educação, a cultura e os saberes populares sob uma perspectiva crítica e emancipatória.

Freire (1970, 1996) propõe a educação como prática da liberdade, na qual o diálogo e a conscientização são meios de transformação social. Para o autor, a verdadeira educação é aquela que reconhece o sujeito como construtor do seu próprio conhecimento, validando suas experiências e saberes. Essa abordagem é fundamental para entender o papel da educação como ferramenta de empoderamento e resistência.

Bourdieu (1989) contribui com a noção de habitus, que explica como as práticas culturais refletem e reproduzem estruturas sociais, sendo, ao mesmo tempo, espaços de resistência simbólica. Para o autor a noção de habitus explica como as práticas culturais refletem e reproduzem estruturas sociais, sendo, ao mesmo tempo, espaços de resistência simbólica. O habitus, nesse sentido, molda as percepções e ações dos indivíduos, influenciando a forma como interagem com seu meio e como perpetuam ou transformam as tradições. Essa lente teórica nos ajuda a compreender como a cultura ribeirinha se manifesta e se defende em um mundo em constante mudança.

Na educação do campo e ribeirinha, Arroyo (2012) e Caldart (2004) destacam a importância de uma pedagogia que reconheça a vida comunitária e a cultura como parte integrante do processo educativo. Molina (2017) e Hage (2011) reforçam a necessidade de políticas públicas que contemplem as especificidades das populações tradicionais. Na educação do campo e ribeirinha, os autores destacam a importância de uma pedagogia que reconheça a vida comunitária e a cultura como parte integrante do processo educativo. Molina (2017) e Hage (2011) reforçam a necessidade de políticas públicas que contemplem as especificidades das populações tradicionais. Essa abordagem pedagógica inclusiva e contextualizada é fundamental para garantir que a educação atenda às reais necessidades e valorize a identidade dessas comunidades.

Além disso, autores como Diegues (2000) e Almeida (2013) abordam a relação entre comunidades tradicionais e meio ambiente, ressaltando o papel dos saberes ecológicos locais na sustentabilidade amazônica. Essas perspectivas teóricas sustentam a análise da Comunidade Vila Melancial como um território de resistência, em que a educação emerge como prática cultural e política de afirmação identitária.

As comunidades ribeirinhas desenvolvem estratégias de sobrevivência que incluem práticas de manejo sustentável dos recursos naturais, atividades de pesca, agricultura de subsistência e o uso de saberes ancestrais que promovem a integração com o meio ambiente. Essa organização social é caracterizada por um forte senso de coletividade e pela valorização de um modo de vida que respeita a biodiversidade da região. Os elos familiares e as redes de solidariedade criadas ao longo das gerações sustentam a resiliência social necessária para enfrentar os desafios contemporâneos (Freire, 1970).

Além disso, a diversidade cultural presente nas vilas ribeirinhas enriquece o entendimento sobre a resiliência comunitária. A convivência de diferentes etnias e grupos sociais propicia um espaço fértil para a troca de saberes e práticas que, ao longo do tempo, foram moldando identidades multifacetadas. Essa interculturalidade pode ser vista na música, na dança, nas festividades e nas práticas religiosas que, por sua vez, são elementos fundamentais na formação de laços sociais e na manutenção da coesão comunitária (Bourdieu, 1989).

É imprescindível considerar também como a globalização e as políticas públicas impactam essas comunidades. Embora tragam novos desafios, como a introdução de culturas exóticas e a exploração econômica por grandes corporações, essas dinâmicas também oferecem oportunidades, como acesso a informações, tecnologias e mercados mais amplos. A forma como as comunidades

ribeirinhas interagem com estas mudanças mais amplas pode influenciar significativamente sua trajetória de resistência e adaptação (Santos, 2014).

A educação desempenha um papel crucial na formação da identidade e na promoção da resiliência. Iniciativas locais que incorporam os saberes tradicionais ao currículo escolar fortalecem a valorização cultural e preparam as novas gerações para defender seu modo de vida. Além disso, a conscientização sobre questões ambientais, sociais e políticas pode empoderar essas comunidades a reivindicarem seus direitos e a protegerem seus territórios de forma mais eficaz (Ricoeur, 1990).

O fortalecimento de redes de apoio e colaborações entre as comunidades ribeirinhas e organizações não governamentais ou movimentos sociais pode potencializar a luta por direitos e a busca por estratégias sustentáveis. Ao unirem forças, essas vozes podem se tornar mais visíveis e influentes nas arenas de decisão, contribuindo para a formulação de políticas públicas que respeitem a autonomia e a cultura local. Dessa forma, a narrativa de resiliência não é apenas um relato do presente, mas um projeto contínuo de construção de futuro que integra passado, presente e anseios coletivos, fortalecendo a identidade ribeirinha na Amazônia (Cunha, 2009).

É importante destacar o papel da memória coletiva na construção da identidade ribeirinha. As narrativas que perpassam as histórias de vida dessas comunidades são fundamentais para a manutenção de sua cultura e de sua resistência. A tradição oral, o artesanato, e as festas locais são expressões de uma identidade que se reafirma diante da modernização e de pressões sociais e econômicas que ameaçam seus modos de vida (Silva, 2020).

Neste sentido, é crucial considerar o impacto das políticas públicas na preservação dessas identidades. Muitas vezes, intervenções externas desconsideram o conhecimento ancestral dos ribeirinhos, impondo soluções que, em vez de auxiliar, podem ameaçar sua forma de vida. Neste contexto, a participação ativa da comunidade em decisões que afetam seu entorno é vital. Projetos que fomentam a gestão participativa têm se mostrado eficazes, permitindo que os ribeirinhos não apenas mantenham sua identidade, mas também se tornem protagonistas na preservação e recuperação de seus territórios (Santos, 2014).

Outro aspecto que merece atenção é a convergência entre tradição e inovação no contexto ribeirinho. Enquanto muitos jovens se aventuram em novas formas de expressão artística, como música e arte digital, mantendo suas raízes culturais, também surgem iniciativas que combinam saberes ancestrais com práticas contemporâneas, resultando em produtos e serviços que valorizam a cultura local. Essa simbiose não somente atrai turismo sustentável, mas também contribui para a

revitalização econômica das comunidades, garantindo que a herança cultural seja passada para as futuras gerações (Silva, 2020).

4.1 A Educação como Eixo de Resistência e a Crítica ao Currículo Monocultural

A educação ribeirinha, ao ser analisada a partir de suas práticas e narrativas, revela-se como um poderoso instrumento de resistência cultural e social. O diálogo com a matriz freireana, que preconiza uma "Pedagogia da Autonomia", é indispensável para compreender a gênese da escola ribeirinha como um espaço de emancipação e de valorização dos "saberes necessários à prática educativa".

Nesse contexto, a importância de se refletir acerca do currículo para a formação de professores ribeirinhos e do fortalecimento do protagonismo desses sujeitos é crucial para o reconhecimento da multiculturalidade amazônica e de suas especificidades geográficas, econômicas, sociais e ambientais.

A descolonização do pensamento pedagógico exige, como postulado por Boaventura de Sousa Santos (2014), o reconhecimento das "Epistemologias do Sul", que valorizam o conhecimento produzido fora do eixo eurocêntrico. Sob essa ótica, é preciso superar a visão etnocêntrica baseada na monocultura de um tempo linear que nega o modo de vida, a racionalidade econômica e a temporalidade social das populações ribeirinhas, negando, desse modo, o direito à diferença.

A pesquisa de Souza (2011) sobre o Curso de Pedagogia das Águas da UFPA, por exemplo, demonstrou que a articulação entre o currículo e os saberes culturais das comunidades ribeirinhas é possível e urgente. Os resultados apontaram que os saberes culturais das comunidades ribeirinhas se fizeram presentes no currículo, de forma efetiva, no núcleo eletivo do curso, bem como por meio das atividades extracurriculares.

4.2 Saberes Tradicionais, Resiliência e Proteção Territorial

A resiliência das comunidades ribeirinhas não é apenas social, mas também está intimamente ligada à sua capacidade de gestão territorial e ambiental, que é indissociável de seus saberes tradicionais.

Conforme o Instituto Socioambiental (ISA), o trabalho com comunidades ribeirinhas fortalece sua participação política, sua cultura, seus conhecimentos tradicionais e projetos de geração de renda como estratégias para a proteção e gestão territorial de Terras Indígenas e Áreas Protegidas. Este fato corrobora o argumento de que a sabedoria cultural não é um mero elemento folclórico, mas sim um pilar de sustentabilidade e um mecanismo prático de resiliência.

Essa resiliência se manifesta até mesmo na economia local. O relatório de atividades do ISA (2022) destaca o papel crucial dos ribeirinhos do Xingu, no Pará, que alimentam a periferia de Altamira com os produtos de suas roças. Tais práticas demonstram a autonomia produtiva e a capacidade dessas comunidades de tecerem redes de solidariedade e de provimento alimentar que extrapolam o seu território imediato.

A política educacional pública no Pará busca, inclusive, fortalecer a formação dos profissionais. Um dos objetivos estratégicos da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC/PA) é o Programa "Travessias", que visa promover a formação contínua e continuada, em serviço, com vistas à criação, expansão e implementação de políticas educacionais aos profissionais da Rede Estadual de Ensino. No entanto, é fundamental que tais iniciativas sejam pautadas no reconhecimento e na incorporação ativa da diversidade cultural, como a educação de jovens e adultos (EJA) e a educação indígena, para que a resiliência não seja apenas um tema de estudo, mas uma prática educativa efetiva.

A importância da colaboração com instituições acadêmicas e organizações não governamentais deve ser enfatizada. Tais parcerias podem proporcionar valiosos recursos e conhecimentos técnicos que auxiliarão os ribeirinhos na defesa de seus direitos e na promoção de seus modos de vida. A pesquisa participativa, por exemplo, é uma abordagem que integra as experiências locais na produção de conhecimento, tornando o estudo das comunidades ribeirinhas não só uma narrativa externa, mas uma construção conjunta que valoriza a voz e a agência dessas populações (Santos, 2014).

Assim, este trabalho não apenas busca documentar e analisar, mas também ser um instrumento que possibilite às comunidades ribeirinhas reafirmar sua identidade em um mundo em constante transformação. As vozes que ecoam nas margens dos rios da Amazônia são testemunhos de resistência e sabedoria, que continuam a moldar a paisagem cultural do Brasil. Portanto, reconhecer e valorizar estas narrativas é um passo essencial na criação de um futuro que respeite a diversidade cultural e promova a justiça social (Silva, 2020).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos dos moradores da Vila Melancial evidenciam um profundo vínculo entre educação, memória e coletividade. Uma das narrativas mais recorrentes menciona que as primeiras aulas aconteciam “sob a sombra de uma mangueira, em bancos de madeira feitos pelos próprios pais das crianças”. Essa imagem simbólica sintetiza a gênese da educação comunitária e o desejo coletivo de aprender.

Outra narrativa descreve que **‘antes mesmo da escola existir, as mães ensinavam as crianças a ler os sinais da natureza o tempo das chuvas, o comportamento dos peixes, as marés do rio’**. Esses relatos revelam uma educação que transcende os muros da escola e se integra à vida cotidiana.

As práticas educativas da Comunidade Vila Melancial articulam-se com a noção de educação libertadora de Freire (1996), na medida em que o conhecimento surge do diálogo e da vivência concreta. A análise das falas mostra que a escola foi concebida não apenas como espaço de ensino formal, mas como centro simbólico de resistência cultural e fortalecimento comunitário.

Do ponto de vista teórico, a experiência da comunidade materializa o que Santos (2014) denomina ‘ecologia dos saberes’, na qual o conhecimento científico e o saber popular se complementam. As práticas de cultivo, pesca e celebração religiosa, transmitidas pelos mais velhos, são formas de aprendizagem que expressam o habitus cultural descrito por Bourdieu (1989).

Os relatos coletados evidenciam que a resiliência comunitária é sustentada por três pilares principais: a coletividade, que fortalece as redes de solidariedade; a educação popular, que promove emancipação e identidade e os saberes tradicionais, que garantem a sustentabilidade e o equilíbrio ambiental. Esses elementos confirmam que as comunidades ribeirinhas são agentes ativos de transformação, capazes de unir tradição e inovação para enfrentar os desafios contemporâneos. A experiência do Melancial reafirma o papel da escola como mediadora entre o saber local e o conhecimento científico, ampliando horizontes sem romper com a cultura originária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre a Comunidade Vila Melancial evidencia que a educação ribeirinha constitui uma prática social, cultural e política de resistência. A valorização dos saberes tradicionais e das narrativas orais demonstra que o processo educativo não se restringe ao espaço escolar, mas permeia todas as dimensões da vida comunitária.

Destaca-se o fato de o estudo ter sido realizado em uma única comunidade, o que restringe a generalização dos resultados, embora proporcione uma compreensão aprofundada e sensível da realidade local.

A análise da Comunidade Vila Melancial demonstra que a educação ribeirinha é um poderoso instrumento de resistência cultural e social. Nascida da solidariedade e da necessidade coletiva, ela consolidou-se como espaço de emancipação e transmissão de saberes ancestrais. As narrativas de resiliência dessas comunidades, ao unirem tradição e modernidade, reafirmam a importância de uma educação intercultural e contextualizada.

Portanto, reconhecer e valorizar as vozes ribeirinhas é essencial para a construção de políticas públicas que respeitem a diversidade e fortaleçam as identidades amazônicas. Recomenda-se que pesquisas futuras ampliem o escopo empírico, incluindo outras comunidades ribeirinhas da Amazônia, de modo a fortalecer as políticas públicas voltadas à educação do campo e tradicional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. *Sociologia da Amazônia: tradição, natureza e política*. Belém: EDUFPA, 2013.

ARROYO, Miguel G. *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A cultura como prática social*. São Paulo: Zouk, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo**. Brasília: MEC, 2012.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do campo: saberes e práticas*. Brasília: MEC, 2004.

CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

CASTRO, Edna. *Sociedades Amazônicas e Sustentabilidade*. Belém: EDUFPA, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

PARÁ, Governo do. **Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Planejamento Estratégico da Secretaria de Estado de Educação 2023 - 2026**. Belém: SEDUC/PA, 2023.

PARÁ, Governo do. **Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Plano Estadual de Educação do Campo e Ribeirinha**. Belém: SEDUC, 2023.

HAGE, Salomão M. *Educação do campo e desenvolvimento territorial*. Belém: EDUFPA, 2011.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Relatório de atividades ISA 2022*. São Paulo: ISA, 2023.

INSTITUTO IESA. *Relatório sobre comunidades tradicionais da Amazônia*. Belém: IESA, 2022.

MOLINA, Mônica C. *Educação do campo e práticas sociais*. Brasília: MEC, 2017.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2014.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, A. *Resiliência e cultura: a experiência ribeirinha na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2020.

SOUZA, Dayana Viviany Silva de. *Currículo e Saberes Culturais das Comunidades dos Discentes Ribeirinhos do Curso de Pedagogia das Águas de Abaetetuba-Pará*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2011.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Como você define o conceito de resiliência no contexto das comunidades ribeirinhas na Amazônia?
2. Quais aspectos da cultura local contribuem para a capacidade de resistência dessas comunidades?

3. Quais foram os fatores históricos e ambientais que levaram ao surgimento das vilas e comunidades ribeirinhas na região amazônica?
4. Como as populações tradicionais se organizaram inicialmente para sobreviver e se estabelecer nas áreas ribeirinhas?
5. Quais conhecimentos tradicionais e práticas culturais são essenciais para a sobrevivência dessas comunidades?
6. Como as comunidades ribeirinhas transmitem suas tradições e conhecimentos de geração em geração?
7. Quais são os principais desafios enfrentados atualmente e como as comunidades se adaptam a eles?
8. Como as políticas públicas valorizam o saber cultural dessas comunidades?
9. Que mensagem você deixaria para as futuras gerações sobre a preservação da cultura e da resistência?

ANEXOS

Imagem 01 – Frente da Vila



Fonte: Autora

Imagem 02 – Porto 1



Fonte: Autora

Imagem 03 – Rua



Fonte: Autora

Imagem 04 – Estrada de acesso a PA 422



Fonte: Autora

Imagem 05 – Estrada de acesso a PA 422



Fonte: Autora

Imagem 06 – Rua da Escola e Comunidade



Fonte: Autora

Imagem 07 – Rua da Escola e Comunidade



Fonte: Autora

Imagem 08 – Rua de acesso ao Rio



Fonte: Autora

Imagem 09 – Rua e campo de futebol



Fonte: Autora

Imagem 10 – Esquina entre ruas e a escola



Fonte: Autora

Imagem 11 – Rua lateral direita da escola



Fonte: Autora

Imagem 12 – Rua de acesso a estrada



Fonte: Autora